



A POESIA DE BANDEIRA TRIBUZI

ARLETE NOGUEIRA

“Entrego minha alma ao céu de abril e à rebeldia”: é o primeiro verso do primeiro livro de Bandeira Tribuzi. Como se fosse o arremedo de alguém se lançando aí, para o resto da vida, ao abrigo de um tempo propício ao florescimento (no lirismo do poeta) e sustentado pelo ideal que ele sabia não lhe ser gratuito (na temática que acabaria por adotar).

“Alguma existência” já nos dá poemas muito bons, Tribuzi exercendo neles a consciência poética que encontraria sua definitiva solidez no segundo livro, “Rosa da Esperança”. Certos elementos surgidos em “Alguma Existência”, sobreviverão até “Tropicália”. Assim, a raiva, designando um movimento gerador, começou no primeiro livro, aliviada, como até hoje, pela presença da poesia: “Só ELA persiste e insiste contra a raiva que asfixia / só ELA me embala com sua canção de silêncio trêmulo / ELA, a poesia: a mãe a carícia a paz única e certa” (Poema). A poesia, como mãe e carícia, volta noutro poema: “Vem Poesia. / Perdi minha mãe muito precoce perdi a carícia / perdi o sorriso turvei o rosto claro” (Recado para a Poesia). O dinheiro, que depois seria o eixo da temática que desenvolveria, vem também de “Alguma Existência”: “as moedas sonoras que definem / margens da vida rígida e exatas”. A morte é outro elemento vivo dentro da obra de Bandeira Tribuzi desde “Alguma Existência”: em “O morto e a Rosa” — soneto antológico — as palavras se fundem para garantir a incontestável beleza dos versos.

Mas é em “Rosa da Esperança” que se delineia de fato uma grande vocação poética. Surgem os sonetos secos, e equilíbrio na dicção, o ritmo, os poemas precisos e belos, a vigência sobre as palavras: “Do pensamento e dos sentidos / flui o rio dos poemas. / O punhal da inteligência / vibra tenso no alvo”. E é em “Itinerário do Corpo” — uma parte do li-

vro — que se insinuam os sinais de uma poesia que desembocará, fatal, na rebeldia, alimentada em fome. “Balada do Vagabundo”, poema do livro, enumera: “Quando vou correndo ruas / entre as espadas da fome / (meu corpo contrariado / doendo em todos os olhos), / triste caminho sem rumo, / quarto fechado das horas, / despetalada manhã, / truncado destino roto, / mãos apertadas nos bolsos / presas de raiva contida”. A raiva, designação geradora, de agora em diante, virá sempre contida: não só escondida no próprio termo verbal, mas equilibrada na concisão e sobriedade poéticas, de mestre. O dinheiro, em “Rosa da Esperança”, volta dentro da mesma imagem: “canta sonoro o timbre das moedas, / tentação da cidade e sua lepra”.

Inserido em “Safra”, o terceiro livro de Bandeira Tribuzi, lançado em 1961, está o Livro dos Sonetos, reunindo os mais belos sonetos elegíacos escritos no Maranhão. Dirigidos à mãe do poeta, falecida quando ele estudava em Portugal, transcrevemos apenas um: “Este soneto é um réquiem para aquela / que é sepultada em mim tão sem remédio / como estou sepultado no meu tédio / e nesta dor de ser que me enregela. / Este soneto é um réquiem para a estrela / que me chamou ao infinito assédio / e, após plantar em mim uma alta sede, o / pavimento onde a vida fora bela, / se recusou a quanto oferecia / e se fechou em conchas de distância / e fez da ausência a única verdade. / Que a minha noite então lhe seja dia / e quanto seja em mim punhal alcança-a / e lhe faça doer esta saudade”.

Espírito profundamente religioso, educado para ser padre, sabe, desde “Alguma Existência”, “que de nós / ficará apenas / o que o chão desprezar. / E continuo a pensar”. Há na quebra do último verso nuances psicológicas.

Em “Tropicália” — seu último livro — chega a insinuar um caminho, sugerir um meio para a consecução de uma vida melhor entre os homens, no mais belo poema do livro, “Canto Impuro”: “Por isso te seria bem mais doce / que insistisses nos ventos de Novem-

bro / e o sagrado Natal, a repetida / noite silenciosa...” Até aí o místico. Mas, poeta, adquire outro posicionamento para questionar: “Porém são pedras as palavras, frio / punhal de cravo — acorda! Resistimos / longe de tuas rosas, tristes homens, / carne cercada, bestas compelidas / e um banco de jardim acolhe, duro, / o sono recusando. / A ceia que nos cabe são viandas / de desespero e pão abandonado, / regado em vinho de desprezar amargo / e em sangue que os mancha a salva de ouro. / Como falar de vós, donos da vida, / que povoads o mundo dos jornais / com vosso olhar seguro e o aparato / dos deuses, quando a vida se recusa / a nós que fabricamos a existência / em dor, em silencioso sofrimento? / Não, a nossa razão é o nosso canto, / um canto feito de contida raiva, / duras palavras, carne insatisfeita, / amor asperamente conquistado / e recusada vida! / Que sabemos de deus ou do infinito?” — Este poema que Tribuzi chamou de “Canto Impuro”, de puro canto gregoriano, finaliza saltibanco de uma forma que comprime, através de versos curtos, e num ritmo que vai fechando, até a morte, em vertical e horizontal:

e a ruga triste
e menos coragem
e mais idade
e, depois,
a

M O R T E

O onde

Repousa

Teu

Espírito!

Em “Pele e Osso”, penúltimo livro do poeta, a idéia da morte volta implícita na mesma imagem, remanescente de “Alguma Existência”: O rio que me levas / até aquele porto / cuja paz é aquela / que tem o que está morto”. A morte não lhe representa indagação, medo, absurdo. Significa paz, vizinha à liberdade na ressurreição, e, em “Pele e Osso”, está sempre associada à idéia de porto: “quando meus olhos procuravam porto / na pacífica praia de teu mar / e as âncoras da carne e corpo, absorto, / na baía de tua doação / cravar — para tombar e morto / até a páscoa da ressurreição”.

Não nega a formação ibérica no angustiados lirismo — o “modus faciendi” de toda a sua obra e se utiliza, para vasão desse lirismo peninsular, não só do tema (às vezes) como da forma antiga, que ele retorna com dicção nova: “se não existes por que insiste / a envenenar-me a persistente imagem? / Por que, de não chegares, te partiste / enchendo de crepúsculo a paisagem?”

De profundo sentimento nativo, não degenera seu canto: acredita na “terra florindo em húmus milenar”. No poema “Tropicália” que dá nome ao livro, junta, na falta de verdadeiros pintores (“cadê os pintores de meu país estranho?”), os matizes especiais de sua terra, tão especiais que, para defini-los, ele usa aglutinar palavras: “até o pó do chão vermelharelo / e a verde-suja e doirada / podridão da Baixada / e as âcidas longidões / dos chapadões / e a catedral da mata / com seus paudarcos / roxos, cedros, mognos”. Ou ainda: “e os rios engordados / de lamas, bagres, mandubés / sob as bategas sólidas / de inversos perdulários / e os arrozais verdedourando”.

A massa temática de Bandeira Tribuzi finalmente limita-se na indagação ansiosa de um tempo (quando) e na localização incessante de um objeto (onde), em que um possa em de finitivo abranger o outro, naquele “quandonde” que o poeta vem reiterando em seus últimos livros.

Em “Pele e Osso” já indagava: “pergunto sonhando / e ninguém me responde / para ir a esse quando / caminho é por onde?” Dá-nos ainda em “Pele e Osso” outra pista: “quandonde estufa o ventre do futuro / quando, onde a vida vence a humana sorte!” Concluímos que seu “quando” é a Morte e o seu “onde” é o Homem. Como se dissesse: o caminho da Vida é através da Morte pelo Homem.

Em “Tropicália”, esse livro de grande unidade temática e de uma clareza própria, vermelharela, dos nossos trópicos, o poeta tenta, mais do que nunca, aquela abrangência: “como e por que, neste onde e quando, / isto HOMEM sobrevivido há milênios / na pedra lascada ou centenas”.

Sob certo aspecto, a poesia de Bandeira Tribuzi é existencial, quando ao existencial se compreenda, principalmente, um humanismo e a esse humanismo se atribua a liberdade como inerência própria: “haverá amanhã do Homem / se é muito mais livre seu cão?”. A poesia de Tribuzi é de fato existencialista através daquele humanismo que dignifica o homem contra o reino das coisas e numa sociedade que o tornou objeto entre objetos. O poeta de “Tropicália” é tranquilamente convicto: “por isso canto: por mim, / pelo que me faz cantar, / — o amor que do sem-fim / me veio para te amar — / e por nós e por que vim / para este canto nos dar”. As variações pronominais dão-nos a idéia de como o poeta transita fácil entre o individual e o coletivo, sem se perder.